



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ocupação de terra e resistência em tempos de ditadura: o caso da Fazenda São José da Boa Morte,
no Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Ricardo José Braga Amaral de Brito

Ricardobraga.brito@gmail.com

CPDA/UFRRJ

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

O presente trabalho tem como intuito oferecer espaço para a reflexão sobre a memória dos atos de repressão praticados tanto pelo Estado quanto por grandes fazendeiros e seus mandatários e sofrido pelos trabalhadores do campo, reatualizando, assim, o passado de lutas que se perpetua no presente. O mapeamento da violência política no campo contra a luta pela reforma agrária, pela terra e pelos direitos dos trabalhadores revela ainda as formas que estes assumiram para resistir e conquistar na lei e na prática os seus direitos. Observar estas práticas tem como intuito reativar a percepção da vontade e potência do trabalhador rural que entrou em confronto direto com agentes públicos e privados. O caso escolhido para análise neste trabalho é o da Fazenda São José da Boa Morte, localizada no município de Cachoeiras de Macacu, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Este caso oferece um exemplo do retorno e permanência de atores que tornam a se organizar em torno de uma mesma questão: o fim dos despejos e a conquista efetiva da terra. No período anterior à Ditadura Empresarial-Militar estabelecida em 1964, os camponeses desta fazenda se organizaram em duas ocupações distintas no tempo e na configuração: a primeira em 1961 e a segunda em 1963. Em 1964 eles conquistam a desapropriação da terra, mas apenas por poucos meses, pois logo seria deflagrado o golpe. Com a Ditadura a Associação de Lavradores local é fechada, militantes e camponeses são presos e em alguns anos a fazenda retorna para seus antigos proprietários. Contudo, mesmo após 15 anos com intensa repressão física e política, os mesmos moradores e trabalhadores da fazenda se organizam em uma nova ocupação em 1979 e conquistam pela segunda vez a desapropriação, realizando, assim, o sonho de conquistar a "terra livre", tal como desejado e escrito na bandeira hasteada na porteira da fazenda durante a ocupação de 1963. Este trabalho pretende, portanto, a partir do caso apresentado refletir sobre as formas de organização e de resistência cotidiana encontradas pelos camponeses em períodos ditatoriais.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The purpose of this work is to provide a space for reflection on the memory of the acts of repression practiced by the State as well as by landowners and their agents and suffered by the rural workers, thus reanalyzing the past of struggles perpetuated in the present. Mapping the political violence in the rural areas against the struggle for agrarian reform, land and workers' rights also reveals the ways in which they have taken to resist and conquer their rights in law and in practice. Observing these practices aims to reactivate the perception of the will and power of the rural workers who came into direct confrontation with public and private agents. The case chosen for analysis in this work is the Fazenda São José da Boa Morte, located in the municipality of Cachoeiras de Macacu, in the State of Rio de Janeiro, Brazil. This case offers an example of the return and permanence of actors who organize themselves around the same issue: the end of evictions and the effective conquest of the land. In the period prior to the Business-Military Dictatorship established in 1964, the peasants of this farm organized themselves into two distinct occupations in time and configuration: the first in 1961 and the second in 1963. In 1964 they won the land expropriation, but only for few months, because soon the coup d'Etat would be triggered. With the Dictatorship the Local Farmers Association was closed, militants and peasants were arrested and in some years the farm would return to its former owners. However, even after 15 years of intense physical and political repression, the same villagers and farm workers organized themselves in a new occupation in 1979 and for the second time conquered the expropriation, thus realizing the dream of conquering the "free land" as desired and written on the flag hoisted on the farm gate during the occupation of 1963. This work therefore intends from the case presented reflect on the forms of organization and daily resistance encountered by peasants in dictatorial periods.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

Palabras clave

Ditadura Militar, Campesinato, Resistência cotidiana

Keywords

Military Dictatorship, Peasants, Daily resistance.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

O presente trabalho é um resumo da dissertação de mestrado, ainda em andamento, e tem como intuito oferecer espaço para a reflexão sobre a memória dos atos de repressão praticados tanto pelo Estado quanto por grandes fazendeiros e seus mandatários e sofrido pelos trabalhadores do campo, de modo a tornar presente o passado de lutas que se perpetua. O mapeamento da violência política no campo contra a luta pela reforma agrária, pela terra e pelos direitos dos trabalhadores revela ainda as formas que estes assumiram para resistir e conquistar na lei e na prática os seus direitos.

O caso escolhido para análise neste trabalho é o da Fazenda São José da Boa Morte, localizada no município de Cachoeiras de Macacu, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. O caso abarca os anos de 1958 a 1980, e oferece um exemplo do retorno e permanência de atores que tornam a se organizar em torno de uma mesma questão: o fim dos despejos e a conquista efetiva da terra. A questão fundiária no Brasil é central para a compreensão das lutas sociais, da desigualdade, da violência e do ressentimento das classes dominantes frente aos projetos de democratização das classes populares. Deste modo, analisar com profundidade este caso oferece uma compreensão sobre as relações sociais presentes no momento do Golpe Empresarial-Militar e a resistência empreendida de forma cotidiana e teimosa dos trabalhadores rurais que mantiveram as suas lutas.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

Como um dos objetivos deste trabalho pretende-se questionar o silêncio acadêmico sobre os movimentos de luta pela terra na reflexão sobre o regime militar brasileiro. Apesar de inúmeras análises sobre o Golpe Empresarial-Militar elencarem como fundamental o debate sobre a reforma agrária e a pressão dos movimentos de luta pela terra no cenário público e no imaginário daqueles que efetivamente tomariam o poder pelas vias da violência, após o golpe e a violenta intervenção, tortura e assassinato de lideranças, trabalhadores e organizações se estabelece, na bibliografia mais geral sobre o regime militar, um abismo no qual pareceria impossível qualquer organização política até o final dos anos 1970, quando novos movimentos sociais retornam à cena pública brasileira.

Através da reflexão teórica e da análise dos documentos e entrevistas coletados durante o período de mestrado e de participação da pesquisa *Conflitos e Repressão no Campo no Estado do Rio de Janeiro (1946-1988)*, coordenada por Leonilde Medeiros (2015; ver TELÓ e BRAGA, 2015), é possível questionar esta compreensão e observar a presença de uma resistência cotidiana, capaz de manter o enquadramento coletivo construído durante o período pré-ditatorial e que alocava os despejos e as violências sofridas como não naturais e como propagadas a partir de um ator específico: o grileiro, categoria social que questiona a legitimidade deste pretensão proprietário de terra. Compreendemos, a partir dos trabalhos de David Snow (2004) e Snow e Benford (1992), que o processo de formação de uma identidade social depende da habilidade deste grupo de definir problemas, condições e inquietações existentes como “injustas”, modificando ou eliminando as concepções que naturalizem as condições de miséria. Deste modo, o movimento social camponês em Cachoeiras de Macacu e no Estado do Rio de Janeiro foi capaz de construir um novo *collective action frame*, enquadramento de ação coletiva, e estabelecer no “posseiro”, categoria social e política, o ator capaz de transformar, pela ação coletiva, sua própria situação de despossuído.

Analisar este conflito em sua perspectiva histórica nos oferece elementos para compreender as motivações da resistência dos trabalhadores e trabalhadoras rurais que optaram por continuar na fazenda, enfrentando os despejos, a violência e a repressão política. Compreendemos, portanto, que mesmo após o silenciamento das experiências de participação política do campesinato



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

no período após o golpe, realizado a partir de prisões, perseguições, torturas e uma política sistemática de difusão do medo e da desmobilização, mesmo nestas condições os trabalhadores rurais foram capazes de, anos antes da redemocratização de 1985, retomar a sua insurgência ao ocupar as terras que reivindicavam públicas, griladas e improdutivas. O culminar desta nova ocupação só poderia se dar com um longo processo de resistência teimosa e de construção de um quadro interpretativo que alocasse a terra como de direito dos lavradores.

Entender a resistência teimosa e cotidiana (PALMEIRA, 1985; THOMPSON, 1998; SCOTT, 2002) do período analisado permite compor uma experiência de luta e organização vividas em um momento marcado pela repressão política, pela violência e pelo despejo. Segundo Palmeira (1985; 2009), as áreas em que houvera intensa mobilização sindical e camponesa no período anterior ao golpe experimentariam um processo de “internalização da luta de classes” no período ditatorial. Para este autor, a resistência cotidiana esteve presente nas relações de trabalho e na sociabilidade com os donos da terra e com o patronato, devido ao contexto autoritário e contrário às manifestações públicas de descontentamento. A lenta organização de uma “resistência teimosa” (THOMPSON, 1998, p. 13) contra os despejos, abusos, prisões e violências sofridas por aqueles que decidiram continuar nas terras que eram alvos de conflito nos permite compreender a ação organizada de ocupação da terra e sua efetiva desapropriação.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

A reflexão contida neste trabalho é fruto de uma ampla análise empírica em uma diversidade de documentos. Uma parte significativa desta documentação foi previamente analisada em Teló e Braga (2015). Deste modo, documentos sindicais da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Rio de Janeiro (Fetag/RJ), da Confederação dos Trabalhadores da Agricultura (Contag) e do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Cachoeiras de Macacu e do de Itaboraí que faziam referência aos conflitos existentes dentro do município de Cachoeiras de Macacu foram analisados a partir do acervo do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Referência sobre Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo (NMSPP) do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Neste mesmo acervo também pudemos pesquisar a documentação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), organização com importante participação no conflito analisado e com intenso trabalho no mapeamento de conflitos agrários em todo o Brasil.

Documentos oficiais produzidos pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão que centralizava a produção de informações do regime militar. Atualmente estes arquivos também se encontram no NMSPP. Ainda no que diz respeito ao acervo do NMSPP analisamos entrevistas produzidas por outros pesquisadores e em outros contextos de pesquisa, mas que, por conta do período histórico e/ou do perfil do entrevistado trouxeram informações importantes para o nosso objeto.

As fontes oficiais do Estado também foram coletadas a partir da pesquisa no Fundo de Polícias Políticas do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), onde puderam ser coletados e analisados prontuários, ofícios e relatórios produzidos pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). A partir do banco de dados do Projeto *Brasil: Nunca Mais* pudemos analisar o Inquérito Policial Militar (IPM) de nº 7.477, instaurado logo após o golpe de 1º de abril de 1964 e que se prestava a analisar a ocupação de fins de 1963, ocupação esta que já havia resultado na desapropriação da fazenda São José da Boa Morte. Este IPM oferece, ainda, um rico material para compreender a atuação dos órgãos de segurança no período anterior ao golpe e



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

também no imediato pós-golpe, além de trazer consigo um conjunto de depoimentos que esclarecem alguns dos motivos e desdobramentos do conflito.

A documentação oficial e a documentação produzida pelas entidades representativas dos trabalhadores rurais serão tensionadas e sobrepostas de modo a se constituir um relato do conflito e do período, sem deixar de levar em consideração que cada uma destas documentações é produzida conforme a perspectiva de suas instituições e com diferentes fins. A fim de complementar e reforçar a multiplicidade de perspectivas a serem analisadas de modo a compor um relato fiel do conflito também foram analisadas notícias de jornal veiculadas nas décadas de 1960 e 1980. Estas notícias têm a sua relevância por retratarem as ocupações no momento em que elas aconteciam, trazendo consigo outras visões a serem postas em análise, bem como relatos e entrevistas com os atores das diferentes ocupações. As notícias de jornal foram analisadas no acervo *online* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A partir dos mecanismos de busca e das palavras-chave buscadas foram coletadas notícias dos seguintes jornais: *A Noite*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *O Fluminense*, *Diário Carioca*, *Folha de São Paulo* e *Correio da Manhã*.

Além da pesquisa documental também foi analisada a bibliografia produzida sobre Cachoeiras de Macacu e os conflitos agrários no Rio de Janeiro (GRYNSZPAN, 1987; O'DWYER, 1988; SILVA, 1994; CARDOSO, 2009; ROSA Jr., 2009, 2014; COSTA, 2015; TELÓ e BRAGA, 2015; MEDEIROS, 2015). Devido à proposta deste artigo e do espaço de publicação, essa discussão bibliográfica não será retomada. A fim de complementar o histórico de conflitos ocorridos em Cachoeiras de Macacu, envolvendo a Fazenda São José da Boa Morte e suas áreas limítrofes, tais como o Núcleo Colonial de Papucaia, foram feitas entrevistas com trabalhadores e trabalhadoras rurais que tenham se relacionado de alguma forma com o conflito.

Compreender de forma efetiva e ampla a complexidade da resistência teimosa torna necessária a busca por relatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais que não ocupavam postos de liderança nas entidades envolvidas nas ocupações e na luta pela terra. Esta opção busca dar conhecimento a uma experiência singular durante o período ditatorial, de forma a observar os meios pelos quais se deu a resistência, as relações envolvidas e as construções de problemas públicos. Entrevistar moradores e assentados de São José da Boa Morte e seus entornos que tenham tido



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

alguma forma de relação com o conflito parte do entendimento de que as ocupações e desapropriações que ocorreram no caso analisado não foram possíveis sem um processo longo de construção da organização. As entrevistas qualitativas e semi-estruturadas podem dar indicações das “formas cotidianas da resistência camponesa” (SCOTT, 2002), tais como as lutas por respeito, por condições de trabalho, moradia e terra, deslocando a análise das rebeliões e ocupações para o cotidiano das relações sociais no campo, buscando entender como estas questões são socializadas e tornadas comuns.

A partir destas memórias tensionadas, construídas no incessante trabalho de reinterpretação do passado buscaremos alcançar a vivência e o significado social dos conflitos por terra. Deste modo, atingir a experiência dos trabalhadores e trabalhadoras rurais nos permite analisar as rupturas, tensões e contradições presentes e equacionadas pela memória individual, capazes de nos oferecer uma compreensão do período histórico analisado, capaz de alterar de forma profunda as relações sociais e os grupos sociais constituídos no período anterior ao golpe de Estado de 1964 (POLLAK, 1989; BOURDIEU, 2008).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos

Antes de adentrarmos no período de repressão institucional à organização popular no Brasil, é preciso remontar o histórico destes trabalhadores e trabalhadoras rurais que optaram por lutar por uma “terra livre”. A expressão esteve presente nas duas ocupações realizadas em 1961 e em 1963 (Figura 1). No tratamento da organização social presente em ambas as ocupações é preciso delimitar suas diferenças. Em 1961 a ocupação seria realizada sem uma organização partidária ou local muito definida (GRYNZSPAN, 1987; SILVA, 1994). O peso que se abateu sobre esta repressão a envolve de mistérios, porém, a sua narrativa se dá a partir da presença de Mariano Beser, um imigrante espanhol que, influenciado pelas lutas das Ligas Camponesas, pela experiência histórica da revolução cubana e a aparente atuação inexpressiva do Partido Comunista na região, consegue organizar os lavradores para uma ocupação na fazenda.



Figura 1. Fonte: ERNANDEZ, 2010, p. 141.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O personalismo desta narrativa precisa ser questionado, a fim de que não se caia na redução dos lavradores a meros objetos nas mãos de intelectuais e políticos social e moralmente superiores, visão esta adotada pelos militares e grandes proprietários de terra. Esta opinião esteve expressa no Inquérito Policial Militar (IPM) do Processo nº 7.477/69 aberto para averiguar a atuação de políticos, ferroviários e camponeses de Cachoeiras de Macacu e responsável pela prisão das lideranças mais expressivas, em especial o então prefeito pelo Partido Trabalhista do Brasil, Ubirajara Muniz.

As fontes nos indicam que entre 1954 e 1958 já haveria alguma forma de organização política dos trabalhadores do município de Cachoeiras de Macacu, movimento este que segue a atuação do Partido Comunista no Estado do Rio de Janeiro através das Associações de Lavradores (COSTA, 2015; MEDEIROS, 2015). Este movimento, ainda que incipiente e pouco participativo nos anos 1950 já denunciava a atuação dos grileiros, sabendo articular em um movimento social as necessidades materiais e as reivindicações por justiça, reconhecimento de direitos e contra um tratamento excessivamente violento e desumanizador. Um lavrador, em uma reportagem de 1963, revelaria bem a dimensão desta luta simbólica: “[éramos continuamente] jogados por aí como cachorros bichentos” (“Estado do Rio em três dimensões”. *O Cruzeiro*, 18/08/1963, p. 109. Reportagem de Osvaldo Peralva. Fotos de Hélio Passos). Um lavrador, em entrevista concedida em 2015, questionava a quantidade de terras moralmente aceitáveis para um proprietário: “Eles já têm muita terra em Goiás, por que ter mais aqui?”.

Este movimento camponês também atuava de modo a reivindicar as terras públicas indevidamente apropriadas por pretensos proprietários de terra. Esta reivindicação é sintomática: os camponeses constituíram, no Estado do Rio de Janeiro e ao longo de todo o Brasil, uma identidade política a partir da noção de “posseiro”, oposta à categoria, também política, de “grileiro” (GRYNSZPAN, 1987). A carga negativa desta categoria já indica a força deste movimento que soube cozinhar as diferentes raivas individuais, para usar as palavras de James Scott (1990), transformando o despejo, considerado o principal problema vivido pelos lavradores do Rio de Janeiro (GRYNSZPAN, 1987) em questão coletiva e os camponeses em atores políticos capazes de, através da ação coletiva, conquistar a liberdade das terras.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Se na ocupação de 1961 esta organização não aparece de forma clara, a realização de um “paredón” simbólico (Figura 2) que sentenciou ao fuzilamento quatro grileiros e um oficial de justiça, indica que a presença, bem capilarizada, de um enquadramento coletivo capaz de questionar publicamente os proprietários de terra e reivindicar aquela terra que, como se evidenciaria, era de fato pública. A sentença ao fuzilamento foi apenas simbólica e logo em seguida os grileiros seriam postos em liberdade, contudo a presença desta forma de ação, inspirada na Revolução Cubana, intensificaria a repressão policial em cima dos lavradores.

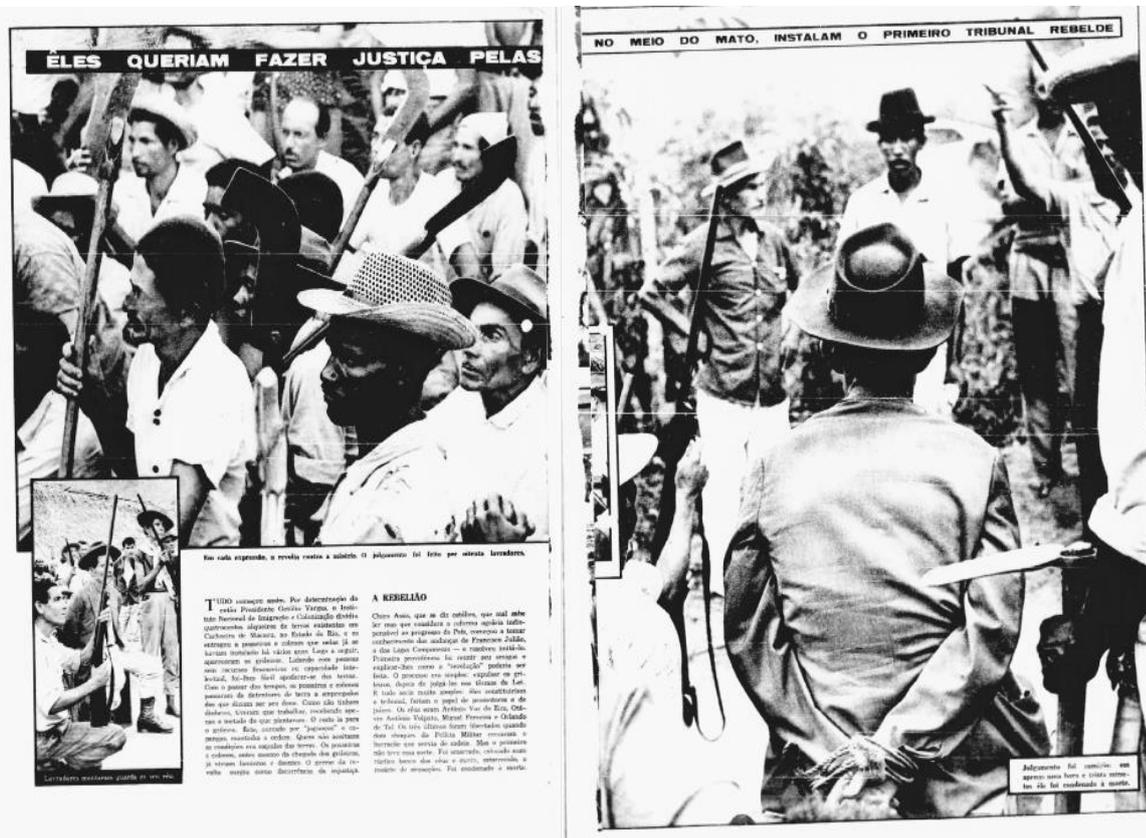


Figura 2. Fotos da ocupação de São José da Boa Morte em 1961. Nas fotos é possível observar os momentos de sentenciamento dos grileiros ao fuzilamento. As imagens nos foram cedidas pelo pesquisador Alberto Santos.

A repressão que se abateu sobre estes trabalhadores não os impediu de em 1963 (Figura 3) retomar a ocupação do mesmo local: uma faixa de terra que se dizia pública e pertencente ao Núcleo Colonial de Papucaia, mas que estavam sendo griladas por dois arquitetos, políticos e empresá-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

rios donos da fazenda São José da Boa Morte, os irmãos Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno. Uma nova configuração política conquistaria a terra: a presença da Associação de Lavradores, mais organizada e aliada ao prefeito, conseguiu a libertação daquelas terras dos grileiros. A proximidade das localidades de conflito aponta para a confusão de terras e o desconhecimento que o Estado brasileiro tinha de suas próprias terras públicas, de modo que a grilagem era ato recorrente em todo o Estado (Mapa 1). Cachoeiras de Macacu teve, ainda, o agravante de, na década de 1930, ter sofrido diversas intervenções públicas em obras de saneamento, assoreamento e retificação de rios, criando na localidade um intenso aumento do capital especulativo e financeiro dentro da questão agrária do município, fato este acompanhado em todas as localidades próximas aos Núcleos Coloniais do Estado do Rio de Janeiro (GRYNSZPAN, 1987; MEDEIROS, 2015; TELÓ e BRAGA, 2015).



Figura 3. Fonte: "Igreja em ruínas é trincheira para a rebelião de camponeses". *Última Hora*. 11.12.1963, p. 12.

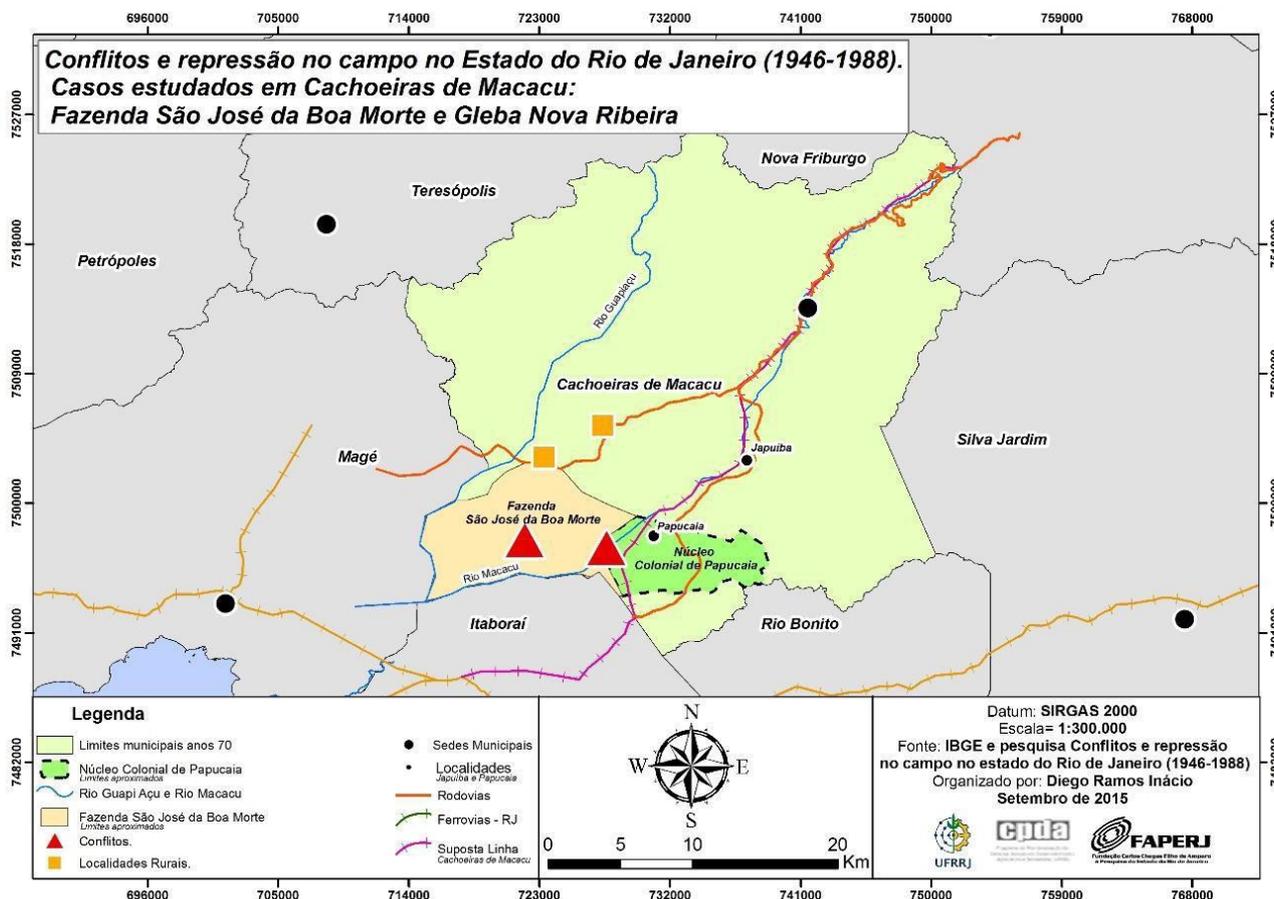


XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Mapa 1. Núcleo Colonial de Papucaia e Fazenda São José da Boa Morte. A proximidade dos terrenos facilitou a grilagem e elevou a especulação fundiária. Fonte: TELÓ e BRAGA, 2015, p. 107.

Em 1964 a desapropriação seria alcançada, mas apenas por poucos meses, pois logo seria deflagrado o golpe. Com a Ditadura Empresarial-Militar a Associação de Lavradores local é fechada, militantes e camponeses são presos e torturados. De 1965 a 1974 as áreas desapropriadas seriam devolvidas aos seus antigos proprietários, cada vez mais interessados em realizar obras de loteamento para fins de turismo rural na região. Ao mesmo tempo o Estado manteve uma forte atuação na região, evitando a organização popular através de medidas repressivas e assistencialistas.

O fortalecimento da organização política dos despossuídos seria o principal alvo do golpe de 1964. Para Arantes (2010, p. 218), a ditadura militar se empenhou em “extinguir ‘o poder formativo da política enquanto dimensão primordial do encaminhamento das expectativas humanas’” por



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“mais de três décadas de contrarrevolução”. As análises de Oliveira (2003), Lemos (2014) e Melo (2014a e 2014b) nos permitem compreender o golpe como uma ação de classe a partir de sua atuação política e ideológica de extinção da política enquanto dimensão de mudança produzida pelas expectativas e necessidades coletivas. A compreensão de que o regime instalado em 1º de abril de 1964 foi uma contrarrevolução não pretende sugerir que havia de fato uma revolução comunista em curso no Brasil, mas sim que o que o golpe de Estado se realizou a fim de impedir a emergência e mesmo a formulação de projetos populares de sociedade, divergentes do desejado pela ditadura e pelas parcelas civis que a ela se associaram e a financiaram.

Dreifuss (1981, p. 417) propôs conceitualizar o golpe e a ditadura a partir da noção de “ditadura civil-militar”, onde “civil” teria um sentido classista, e não de homogeneização da sociedade na adesão ao golpe. Este autor também afirmou que seria correto utilizar o termo ditadura empresarial-militar ou ainda tecno-empresarial-militar, especificando a classe social envolvida na concepção, realização e continuação do golpe e do regime que se estabeleceu. Esta explicação visa se afastar da mistificação com que o termo “civil” é utilizado em alguns casos e valorizar a participação ativa – e não reativa – do empresariado brasileiro no acirramento político pré-1964, no golpe e na formulação de políticas públicas.

Segundo Medeiros (2014), o imediato pós-golpe foi de repressão aos trabalhadores do campo e suas organizações, iniciando uma nova experiência política de medo e violência. “Onde havia mobilização, a resposta era mais repressão, fosse ela oficial, pelo Dops, fosse pela tolerância à ação violenta dos proprietários de terra, por meio de seus jagunços” (MEDEIROS, 2014, p. 202). Contudo, esta violência não diminuiu o número de conflitos que, em muitos casos, indicavam resistências dos trabalhadores não ao golpe, mas à ação dos proprietários e grileiros. Esta resistência se intensificou com o crescimento da expropriação e da exploração, impulsionadas por projetos de modernização do campo e também pela expansão da colonização e atividade de empresas no campo brasileiro, sob o pretexto de levar o desenvolvimento às áreas rurais (MARTINS, 1981).

Para Moacir Palmeira (1985; 2009), estes momentos de resistência cotidiana precisam ser resgatados de modo a recuperar as experiências dos momentos de desmobilização que, pelo fato de perdurarem, são indicativos de experiências de classe. Esta experiência passou da revolta



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

organizada dentro dos partidos, sindicatos e movimentos sociais para uma “interiorização da luta (política) de classes que teria perdido sua feição mais explicitamente política para inscrever-se no interior mesmo do processo produtivo, a produção cotidiana” (PALMEIRA, 2009, p. 198). Neste contexto de ditadura, o simples questionamento da autoridade do proprietário ou pelo cumprimento da legislação invocava o questionamento da dominação tradicional.

Apesar da repressão e da política de medo, como afirma Leonilde Medeiros (2014): a resistência se perpetuou de modo fragmentado. Uma resistência teimosa, como analisa Edward Thompson (1998) em um contexto distinto, fez com que aqueles trabalhadores e trabalhadoras rurais se mantivessem na terra, reivindicando como podiam seu direito àquelas terras em que viviam. Terra esta que não é mercadoria, mas local em que as relações materiais, simbólicas, afetivas, religiosas, culturais e familiares tomam forma. A luta pela terra se manteve de forma diluída nas relações pessoais e sociais, na teimosia dos lavradores que construía suas casas de madrugada, a fim de não serem descobertos pelo Estado, que se reuniam no meio das matas com o sindicato e com os padres da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que questionavam os abusos dos empregadores, que questionavam a ausência de terra ou a entrega de terras alagadiças e ruins para o plantio.

Após 15 anos com intensa repressão física e política os mesmos moradores e trabalhadores da fazenda se organizam em uma nova ocupação em 1979. Em 1980 88 lavradores, o padre da CPT local e, como gostam de afirmar os trabalhadores, um cachorro seriam presos pela polícia por conta desta ocupação (Figura 4). Sua luta, neste momento, evidencia as novas relações políticas estabelecidas e a nova configuração social do país durante a lenta reabertura democrática. Diversos sindicatos, políticos, associações, setores da Igreja Católica, artistas e intelectuais somariam suas forças, em comícios, passeatas, shows e reuniões a estes camponeses que sintetizavam uma luta pela democratização do acesso a terra, pelo questionamento da violência, da arbitrariedade do Estado e pelo favorecimento dos empresários e grandes proprietários de terra (Figura 5). Estes camponeses conseguiram conquistar pela segunda vez a desapropriação, realizando, assim, o sonho de libertar aquela terra, tal como desejado e escrito na bandeira hasteada na porteira da fazenda durante a ocupação de 1963.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Presos lavradores de Macacu

0 Fluminense - 1/2/80



Figura 4. Fotografia dos lavradores presos em 1980. Fonte: Arquivo da Comissão Pastoral da Terra, RJ-0293-0034-00099.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

CACHOEIRAS DE MACACU - RJ

Grande Concentração de Trabalhadores Rurais

Sábado dia 22 de março de 1980

— às 15,00 Horas —

★ Pela Reforma Agrária

★ Estatuto da Terra

★ Contra os Despejos

★ Contra as Arbitrariedades e Ameaças.

Não percam!

**Depois da Concentração haverá Missa
celebrada pelo Bispo e Clero da região.**

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de C. de Macacu

Figura 5. Cartaz chamando para concentração de trabalhadores em prol da luta pela terra e da desapropriação da São José da Boa Morte. Fonte: Arquivo da Comissão Pastoral da Terra, RJ-0293-0034-00110.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

Os momentos espetaculares das lutas de classes, momentos que aparecem nos noticiários de jornal, são precedidos por movimentos subterrâneos de organização e consolidação de um quadro interpretativo crítico às situações sociais vividas a partir da experiência de violência e desintegração de seus laços sociais e expectativas. Observar a resistência cotidiana e teimosa nos possibilita compreender o período de 1964 a 1979 como um período de reformulação do processo de sociabilidade, capaz de realizar a troca de experiências, de indignações, de elaborações de “raivas cruas” em “indignações cozidas” (SCOTT, 1990, p. 119), trabalhadas em *frames* (SNOW, 2004). A composição desta sociabilidade nos permite entender o retorno à arena pública dos que continuaram na fazenda São José da Boa Morte, tornando mais complexa a história destes indivíduos marcados pelos conflitos não resolvidos, pelas lembranças de exploração e repressão e pelos desejos.

Esta resistência, conforme analisou Thompson (1998), constitui-se contra a entrada paulatina do projeto social que valoriza a racionalização moderna e capitalista do uso da terra, vivido pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais como expropriação da terra e desestruturação de suas relações sociais. Neste ponto é fundamental a atuação do movimento social, capaz de dar corpo e significado à esta resistência aparentemente individual. O trabalho de enquadramento coletivo protagonizado pelos movimentos sociais envolve, também, o sentimento de reconhecimento. As experiências de desrespeito e privação de direitos fundamentais levam ao sentimento de “vergonha social”, que “só o protesto ativo e a resistência poderiam libertar” (HONNETH, 2009, p. 198). Deste modo, uma das tarefas fundamentais dos movimentos sociais é tornar público o desrespeito, de modo que os movimentos sociais se voltam para o conflito simbólico alimentado pelos diferentes afetos e sentimentos vividos, ampliando os enquadramentos coletivos de modo a que eles incluam o reconhecimento dos dominados.

Uma compreensão sobre a história da luta pela terra deve se voltar para estes momentos de resistência teimosa, de análise das necessidades materiais e dos afetos, tais como os sentimentos de humilhação, injustiça e desumanização.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- ARANTES, Paulo Eduardo. 1964, o ano que não terminou. In: TELES, Edson e SAFATLE, Vladimir Pinheiro (orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COSTA, Isabel Jovita Rodrigues da. *Ombro a ombro: ferroviários e camponeses na luta por direitos em Cachoeiras de Macacu (1954-1964)*. Dissertação (Mestrado), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ERNANDEZ, Marcelo. Sementes em trincheiras: estado do Rio de Janeiro (1948-1996). In: SIGAUD, Lygia; ERNANDEZ, Marcelo; ROSA, Marcelo. *Ocupações e acampamentos. Sociogênese das mobilizações por reforma agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- GRYNSZPAN, Mario. *Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-1964)*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. Contrarrevolução, ditadura e democracia no Brasil. In: SILVA, Carla Luciana; CALIL, Gilberto Grassi; SILVA, Marcio Antônio Both da. *Ditaduras e democracias: estudos sobre poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-2014)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2014. (pp. 71-88).
- MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política. As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1981.
- MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Trabalhadores do campo, luta pela terra e o regime civil-militar. In: PINHEIRO, Milton (Org.). *Ditadura: o que resta da transição*. São Paulo: Boitempo, 2014. (pp. 195-229).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- _____ (coord). *Conflitos e repressão no campo no Estado do Rio de Janeiro (1946-1988)*. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2015. Disponível em: <www.cev-rio.org.br/pesquisasfaperj>.
- MELOa, Demian Bezerra de. O Golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: MELO, Demian Bezerra de. (Org.) *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014a. (pp. 157-188).
- MELOb, Demian Bezerra de. O caráter de classe do golpe de 1964 e a historiografia In: In: SILVA, Carla Luciana; CALIL, Gilberto Grassi; SILVA, Marcio Antônio Both da. *Ditaduras e democracias: estudos sobre poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-2014)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2014b. (pp. 89-107).
- O'DWYER, Eliane Cantarino. *Da proletarização renovada à reinvenção do campesinato*. Tese (Doutorado) de Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ/MN, 1988.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- PALMEIRA, Moacir. A diversidade da luta no campo: luta camponesa e diferenciação do campesinato In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. (pp. 43-51).
- _____. Desmobilização e conflito: relações entre trabalhadores e patrões na agroindústria pernambucana. In: FERNANDES, Bernardo; MEDEIROS, Leonilde Servolo de; PAULILO, Maria Ignez (Orgs.). *Lutas Camponesas Contemporâneas: condições, dilemas e conquistas. Vol. I. O campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980*. São Paulo: Unesp; Brasília: NEAD, 2009. (p. 171 – 200)
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp 3-15.
- SCOTT, James C. *Domination and the Arts of Resistance. Hidden Transcripts*. New Haven, London: Yale University Press, 1990.
- _____. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes*, Campina Grande, vol. 21, nº 01, jan./jun. 2002, pp. 10-31.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SILVA, Luiz Rogério Oliveira da. *Luta pela terra em São José da Boa Morte: participação política e representação social no cotidiano dos lavradores (1960 - 1964)*. Dissertação (Mestrado). Assis: Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, 1994.

SNOW, David A. Framing Processes, Ideology, and Discursive Fields. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter. *The Blackwell Companion to Social Movements*. Oxford: Blackwell Companion, 2004.

SNOW, David A.; DENFORD, Robert D. Master frames and cycle of protest. In: MORRIS, Aldon D.; MUELLER, Carol McClurg. *Frontiers in Social Movement Theory*. Yale University Press, 1992.

TELÓ, Fabrício e BRAGA, Ricardo. Conflitos e repressão no campo em Cachoeiras de Macacu. In: MEDEIROS, Leonilde (coord). *Conflitos e repressão no campo no Estado do Rio de Janeiro (1946-1988)*. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2015. Disponível em: <www.cev-rio.org.br/pesquisasfaperj>.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.